

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Matheus dos Reis Gomes

**LOGOTERAPIA: DA RELAÇÃO ENTRE ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E RELIGIÃO
NA PSICOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **MATHEUS DOS REIS GOMES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201573001A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **LOGOTERAPIA: DA RELAÇÃO ENTRE ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E RELIGIÃO NA PSICOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL**, desenvolvido durante o período de agosto de 2017 a novembro de 2017 sob a orientação de Dr. SIDNEI VILMAR NOÉ, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

MATHEUS DOS REIS GOMES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

LOGOTERAPIA: DA RELAÇÃO ENTRE ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E RELIGIÃO NA PSICOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL

Matheus dos Reis Gomes¹

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar a relação entre espiritualidade, religiosidade e religião na psicoterapia de Viktor Emil Frankl, caracterizando a importância de tais conceitos e seus aspectos dentro da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. Portanto, será apresentada a definição de espiritualidade proposta por Frankl e sua ligação com a logoterapia e o sentido da vida. Também, definiremos o conceito de “religiosidade inconsciente” e sua relevância na logoterapia. Por fim, estabeleceremos o papel da religião e da teologia em relação à logoterapia.

PALAVRAS-CHAVE: Logoterapia. Espiritualidade. Religiosidade. Religião. Viktor Frankl.

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da psicologia da religião, a partir do final do século XIX, nasceram novas abordagens do fato religioso. Nota-se que a partir de então, diversos autores se destacaram no estudo da espiritualidade e da religião. A partir disto, surgiu um novo diálogo entre psicologia e religião (Ávila, 2007, p.11). De acordo com Ávila, este diálogo, psicologia e religião, pode se tornar “[...] difícil, mas que encontra seu ponto de união na ‘busca de sentido do ser humano’” (Idem)².

Frankl estabeleceu uma compreensão própria a partir de sua noção de busca de sentido. Desta forma, este estudo visa compreender os principais conceitos propostos por Frankl na construção da logoterapia, a qual ele denominou de “terceira escola vienense de psicoterapia” (Frankl, 2016a, p.124), ao lado da Psicanálise, de Sigmund Freud (1856-1939) e da Psicologia Individual, de Alfred Adler (1870-1937).

O presente trabalho se propõe a estabelecer uma diferenciação dos conceitos de espiritualidade, religiosidade e religião. Sendo assim, o trabalho será dividido em três partes: na primeira, discutiremos a relação entre espiritualidade, logoterapia e o sentido da vida na obra de Frankl; destarte, buscaremos a compreensão e a relação entre tais conceitos no pensamento do autor, objetivando esclarecer se o sentido da vida está condicionado à espiritualidade a partir da “psicoterapia do sentido”. Na segunda parte, discutiremos o papel da religiosidade dentro da psicoterapia frankliana. Assim, apresentaremos a definição do conceito que o autor intitulou de “religiosidade inconsciente” (Frankl, 2016b, p.57). Por fim, abordaremos a questão da religião na logoterapia e como a psicoterapia do sentido se posiciona em relação à crença religiosa.

2. ESPIRITUALIDADE, LOGOTERAPIA E SENTIDO DA VIDA

A concepção do conceito de espiritualidade não é uma tarefa fácil a ser realizada pelas variadas ramificações com que o termo foi adquirindo ao longo da história. E esta tarefa se torna ainda mais árdua, uma vez que Frankl associou o termo à noção de sentido da vida. Em relação a este sentido, o autor dizia que “cada dia, cada hora, atende, pois, com um novo sentido, e a cada homem espera um sentido distinto. Existe, portanto, um sentido para cada um, e para cada um existe um sentido especial” (Frankl, 2015, p. 26). Com isso, haverá algumas diferenciações sobre o conceito de espiritualidade para determinados autores, como há diferentes “sentidos” para a vida de cada ser humano.

Na compreensão de João Edênio dos Reis Valle, a espiritualidade “[...] consiste essencialmente em uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir” (MARTINS, 2008, p. 104). Para esta assertiva, entendemos que Valle assevera que a existencialidade do sujeito consiste substancialmente em uma busca pelo

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: matheusdosreisgomes@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé.

² “Desde o seu nascimento, este é um campo suspeito. Enquanto é acusado por alguns de irreligioso, outros, as exceções, consideram que deve ser desenvolvido a partir das instituições religiosas. Daí o surgimento de algumas obras intituladas ‘psicologia religiosa’, o termo que hoje se nos apresenta com um certo ar confessional” (Ávila, 2007, p.11).

sentido da própria vida. Sendo assim, “a espiritualidade é algo encarnado no contexto real da vida de cada pessoa e de cada época. Ela expressa o sentido profundo do que é e se vive de fato” (MARTINS, 2008, p. 101).

Destarte, Valle apresenta uma pesquisa recentemente realizada pelo renomado pesquisador e professor da Universidade Católica de Lovaina, Doutor Vassilis Saraglou, na qual o referido pesquisador apresenta alguns aspectos importantes para o estudo da espiritualidade e da sua importância para o ser humano. O primeiro dado caracterizado pelo pesquisador é o fato de que a questão da espiritualidade representa uma relevância maior na juventude, em relação às demais fases da vida. Ainda assim, ele cita algo de extrema importância para os pesquisadores, pois notou “que quase um quarto da população estudada se identifica com uma espiritualidade sem um ‘Deus’ ou sem religião” (MARTINS, 2008, p. 38). Nesse primeiro dado apresentado por Saraglou, podemos destacar que a ideia de espiritualidade não está associada diretamente a uma ideia de religiosidade, nem com uma ideia de Deus ou do sagrado de uma maneira geral, mas com uma busca de sentido para e pela existência. Significa, pois, que a caracterização da espiritualidade estará associada a uma determinada crença em relação à pergunta pelo sentido da vida.

Outra questão que Saraglou destaca é quando a busca pelo sentido entra no campo religioso. Assim, o indivíduo tem a liberdade de encontrar ou enquadrar o sentido através da “instituição do religioso” (ibid. p. 38). Outro dado que o pesquisador percebeu é que a espiritualidade pode estar ligada intimamente com a busca pelo sentido da existência, pois a noção de espiritualidade “moderna” apresenta uma busca íntima por uma transcendência de maneira individual.

Frankl³ é de origem judaica e passou por quase três anos em campos de concentração, inclusive em Auschwitz, onde perdera sua esposa, pais e um irmão. Em consequência disso, Frankl desenvolveu uma psicoterapia voltada exclusivamente para o sentido da existência humana. Por este motivo, o autor apresentou a sua psicoterapia da vontade pelo sentido da existência. Entretanto, Frankl foi na “contramão” de “[...] Freud com a vontade prazer – ao tratar dos aspectos relativos às neuroses –, e também de Adler, com a vontade de poder” (AQUINO, 2013, p.42)⁴.

Frankl descreve em um dos seus principais livros, *Em busca de sentido*, publicado originalmente em 1946, uma pesquisa que foi realizada na França alguns anos antes da sua publicação original, onde foram levantados dados de opinião pública sobre variados temas sobre a sentido da vida. Nesta pesquisa foi possível constatar que 89% das pessoas consultadas apresentavam uma dependência de “algo” para elas “poderem” viver, e 61% dos entrevistados apresentaram que, se fosse necessário, eles estariam prontos a morrer por algo ou alguém. Similarmente, Frankl realizou a mesma pesquisa em sua clínica em Viena e, para seu espanto, ele obteve dados que se diferenciaram apenas em 2% do resultado obtido anteriormente na França (FRANKL, 2016a, p. 124). Posteriormente, Frankl descreveu que, em outra pesquisa realizada com o mesmo intuito, com 7.948 alunos em 48 universidades pelos cientistas sociais da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, diante da pergunta sobre o que eles consideravam de mais importante naquele determinado momento, 16% dos entrevistados disseram que era “ganhar muito dinheiro” e 78% dos estudantes “afirmaram que o seu principal objetivo era encontrar um propósito e sentido para minha vida” (Ibid. p.125).

No prefácio escrito pelo autor, na nova edição de seu livro *Em busca de sentido*, de 1984, Frankl apresenta aos leitores que identifica um problema relacionado ao fato de sua obra ter virado um *best-seller*, pois “[...] se centenas de milhares de pessoas procuram um livro cujo título promete abordar o problema do sentido da vida, deve ser uma questão que as está incomodando muito” (FRANKL, 2016a, p. 9). Em meio a essa “crise existencial” até então não pesquisada na psicologia, com uma abordagem fenomenológico-existencial, Frankl começa a estudá-la logo no início do curso de medicina, ao voltar seu interesse para a prevenção de suicídios, principalmente entre jovens, atendendo gratuitamente determinadas pessoas que apresentavam uma profunda crise (AQUINO, 2014, p. 16). Desta forma, Frankl “nesse meio-tempo, já estava elaborando sua análise existencial⁵ sobre o sentido da vida, constituindo o que denominou de logoterapia, uma modalidade de psicoterapia centrada no *logos* da existência” (Ibid, p. 16-17). Para Frankl:

³ Frankl foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Sul e também sugerido por Santa Madre Teresa de Calcutá (AQUINO, 2014).

⁴ Gordon W. Allport, no prefácio da edição norte-americana de 1984, diz que tanto Freud quanto Frankl se “[...] preocuparam basicamente com a natureza e a cura das neuroses. Freud encontra a raiz destas desordens angustiantes na ansiedade causada por motivos inconscientes e conflitantes. Frankl distingue várias formas de neurose e atribui algumas delas (as neuroses orgânicas) à incapacidade de encontrar um significado e um sentido de responsabilidade em sua existência. Freud acentua as frustrações da vida sexual; Frankl, a frustração do desejo de sentido e significado” (FRANKL, 2016a, p. 6).

⁵ “De fato, a análise existencial interpreta a existência humana, em sua essência mais profunda, como ser-responsável e compreende a si própria como uma ‘análise dirigida ao ser-responsável’. Quando se impôs a necessidade de criar o conceito de análise existencial, achava-se disponível para designar esse ser-responsável, que colocamos no centro da existência humana, um termo já utilizado pela

O termo “logos” é uma palavra grega e significa “sentido”. A logoterapia, ou, como tem sido chamado por alguns autores, a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido. Para a logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano. Por essa razão costumo falar de uma vontade de sentido, a contrastar com o princípio do prazer (ou, como também poderíamos chama-lo, a vontade do prazer), no qual repousa a psicanálise freudiana, e contrastando ainda com a vontade de poder, enfatizada pela psicologia adleriana através do uso do termo “busca de superioridade” (FRANKL, 2016a, p. 124).

Nota-se que a partir desta citação, a psicoterapia do *sentido*, intitulada logoterapia, tem como escopo “abordar a questão do sentido da vida. Dessa forma, constitui-se uma forma de psicoterapia centrada nos aspectos especificamente humanos” (AQUINO, 2014, p. 29). Para isso, Thiago A. Avellar Aquino, apresentou de maneira breve, a “espinha dorsal” da logoterapia ao citar três fundamentos básicos que constituem a psicoterapia frankliana. A primeira é destacada pela *liberdade da vontade*, a qual é caracterizada expressamente pela liberdade e pela responsabilidade do sujeito em relação à vida. O outro fundamento é a *vontade de sentido*, que aflora ainda na puberdade, como caracterizam as pesquisas acima; assim, o jovem começa a fazer algumas perguntas sobre o sentido da existência não para que alguém as responda por ele, mas para ele mesmo poder respondê-las. Por fim, o último fundamento básico que constitui a logoterapia é o *sentido da vida*, pois corresponde “[...] à visão filosófica da análise existencial, uma compreensão no sentido incondicional da vida” (Ibid, p. 31).

Aquino descreve que “se, por um lado, o ser humano é movido pela busca de sentido, por outro, a vida também demanda sentidos a serem realizados. Nessa perspectiva, a vida é o interrogante e o ser humano é um ente que responde, ao responder às questões que a vida lhe coloca, torna-se responsável” (Ibid, p. 32). A partir disso, Frankl apresenta três modos de buscar o sentido para a vida.

O primeiro é constituído por criar ou realizar um trabalho; o outro caminho pode ser caracterizado em experimentar algo, ou encontrar alguém, e, por fim, o sofrimento, pois “[...] mesmo uma vítima sem recursos, numa situação sem esperança, enfrentando um destino que não pode mudar, pode erguer-se acima de si mesma, crescer para além de si mesma e, assim, mudar-se a si mesma. Pode transformar a tragédia pessoal em triunfo” (FRANKL, 2016a, p. 168). Dessa maneira, a logoterapia, segundo Aquino (2013), é considerada uma psicoterapia a partir da dimensão *noética*⁶ do ser humano. Em linhas gerais, o logoterapeuta “[...] é um obstetra do espírito, enquanto os pacientes são parturientes do sentido” (Ibid, p. 81). Através de uma espécie de *Maiêutica*⁷, o logoterapeuta assume o papel de interlocutor, apresentando ao indivíduo questionamentos que a vida lhe impõe aos quais somente ele mesmo poderá dar uma resposta. Frankl relata um exemplo bem concreto:

Quero citar um exemplo bem claro. Certa vez um clínico geral de mais idade veio consultar-me por causa de uma depressão muito profunda. Ele não conseguia superar a perda de sua mulher, que falecera fazia dois anos e a qual ele amara acima de tudo. Bem, como poderia eu ajudá-lo? Que poderia lhe dizer? Abstive-me de lhe dizer qualquer coisa e, ao invés, confrontei-o com a pergunta: “Que teria acontecido, doutor, se o senhor tivesse falecido primeiro e sua esposa tivesse que lhe sobreviver?” – “Ah,” disse ele, “isso teria sido terrível para ela; ela teria sofrido muito!” Ao que retruquei: “Veja bem, doutor, ela foi poupada deste sofrimento e foi o senhor que a poupou dele; mas agora o senhor precisa pagar por isso sobrevivendo a ela e chorando a sua morte.” Ele não disse uma palavra, apertou a minha mão e calmamente deixou meu consultório. Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício (FRANKL, 2016, p. 137).

filosofia contemporânea para essa maneira característica e singular de ser do ser humano: justamente a palavra ‘existência’” (FRANKL, 2016b, p. 16).

⁶ Segundo Thiago Aquino: “A dimensão *noética* emerge no momento em que o diálogo evolui para a questão do dever e das tarefas a serem realizadas” (AQUINO, 2013, p. 96). “Alguns fatores somáticos e psíquicos podem restringir do *noético*. [...], assim, o logoterapeuta deve trabalhar no sentido de desbloquear a dimensão *noética*” (Ibid, p. 78).

⁷ “O método socrático consiste em dois momentos: a refutação e a *maiêutica*. A refutação pode ser compreendida como momento do diálogo em que vem à tona a incoerência, a contradição. O momento da *maiêutica* é aquele no qual a verdade vem à tona” (AQUINO, 2013, p. 82). “Assim, o encontro na terapia existencial está fundado na relação dialógica; de forma, Frankl advoga o papel do logoterapeuta como aquele que, através do diálogo socrático, amplia o campo perceptivo do paciente para enxergar possibilidades de sentido. Nessa perspectiva, explora-se a área da liberdade da pessoa em contraposição à sua facticidade” (Ibid, p. 80-81).

Assim, “[...] ao aceitar esse desafio de sofrer com bravura, a vida recebe um sentido até o seu derradeiro instante, mantendo este sentido literalmente até o fim. Em outras palavras, o sentido da vida é um sentido incondicional, por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável” (FRANKL, 2016a, p. 138). Frankl relatou que tirou uma lição dos campos de concentração: “[...] os que se mostraram mais aptos a sobreviver, ainda mais em tais situações limites, foram aqueles que, reafirmo, estavam orientados para o futuro, para uma tarefa que os esperava mais adiante, para um sentido que desejavam realizar” (FRANKL, 2015, p.23). Diferentemente da visão de Sigmund Freud, que afirmou que “no momento em que alguém se pergunta pelo sentido e valor da vida, este está doente, porque os dois problemas não existem de forma objetiva” (FRANKL, 2015, p.22)⁸.

No capítulo “a transcendência da consciência”, do livro *A presença ignorada de Deus*, Frankl diz que “toda liberdade tem um ‘de quê’ e um ‘para quê’. O ‘de quê’, do qual o ser humano pode se libertar, está em seu ser impulsionado; seu eu, então, tem liberdade diante de seu id. O ‘para quê’ da liberdade humana é sua responsabilidade” (Frankl, 2016b, p. 48). Sob essa perspectiva, Frankl retoma a frase de Ebner-Eschenbach: “Sê senhor da tua vontade e servo da tua consciência” (Idem). Destarte, o autor interpretará que o sujeito é senhor da própria vontade, já que ele se coloca na posição de pessoa dentro da liberdade e da responsabilidade. Desta forma, ele expõe a dimensão espiritual ou noética, pois é ela a responsável pela faculdade do sujeito para tomar decisões dentro dessa liberdade que o indivíduo possui e, principalmente, a responsabilidade que o sujeito assume em tomar decisões. Deste modo, o indivíduo deve ser servo da sua consciência. A consciência deve ser algo transcendente ou “extra-humano”, para que o indivíduo possa ser servo e não apenas “ouvinte” da “voz da consciência”. Logo, “[...] a consciência, que desde o início consideramos como modelo do inconsciente espiritual, torna-se uma espécie de posição-chave a partir da qual se revela a transcendência essencial do inconsciente espiritual” (Ibid, p. 51).

Da mesma forma que a logoterapia, como aplicação clínica da análise existencial, acrescentou o espiritual ao psicológico (que era até então praticamente o único objeto da psicoterapia), ela passou a aprender e ensinar a ver o espiritual também dentro do inconsciente, algo como um *logos* inconsciente; ao id, como inconsciente instintivo, foi acrescentado, como nova descoberta, o inconsciente espiritual. Com essa espiritualidade inconsciente do ser humano, que qualificamos como inteiramente pertencente ao eu, descobrimos aquela profundidade inconsciente onde são tomadas as grandes decisões existencialmente autênticas; a partir disso deduzimos, nem mais, nem menos que, além da consciência da responsabilidade, ou reponsabilidade consciente, deve existir algo como uma responsabilidade inconsciente (FRANKL, 2016b, p. 57).

Sendo assim, podemos dizer que a espiritualidade para Frankl é constituída quando o sujeito encontra o horizonte em que reside como o sentido da sua própria vida, se colocando frente a frente com a totalidade do sentido último, mesmo que ele seja transcendente ao “eu” e o sujeito esteja imerso no sofrimento. Com isso, o ser humano consegue perceber e se colocar mediante a liberdade do espírito, em uma atitude de responsabilidade e, principalmente, em condição de tomar uma decisão diante de qualquer circunstância, pois “[...] o ser humano tem dentro de si ambas as potencialidades; qual será caracterizada depende de decisões e não de condições” (FRANKL, 2016a, p. 155). Dessa forma, a logoterapia se concentra “no que há por vir”, no horizonte que contém os sentidos, “[...] no futuro, ou seja, nos sentidos a serem realizados pelo paciente [...]” (Ibid p. 123), sabendo “[...] que a vida tem um sentido potencial sob quaisquer circunstâncias, mesmo as mais miseráveis” (Ibid, p. 10). Destarte, Frankl citava as palavras de Nietzsche, ao dizer que “quem tem por que viver pode suportar quase qualquer coisa” (Ibid, p. 129)⁹. Ao empregar o inconsciente espiritual, uma peculiaridade especificamente humana, Frankl interpretará que a espiritualidade transcenderá a mera materialidade do eu. Logo, fará com que o ser humano experimente a espiritualidade, encontrando o sentido da vida.

3. RELIGIOSIDADE (INCONSCIENTE)

⁸ Em relação à questão do sentido de Freud, Frankl disse que “é-nos evidente que Freud foi ‘o’ pioneiro puro e simples no campo da psicoterapia e ‘o’ gênio no que diz respeito à sua própria personalidade. Se de repente – se assim posso expressar-me – me fosse exigido fazer um esboço dos ensinamentos de Freud, eu diria que foi mérito seu haver colocado a questão do sentido, conquanto lhe desse um significado diferente do nosso ou mesmo não lhe desse nenhuma resposta” (FRANKL, 2015, p. 34).

⁹ “Nenhum psiquiatra, nenhum psicoterapeuta – também nenhum logoterapeuta – pode dizer a um paciente qual é o sentido; contudo, pode muito bem afirmar que a vida tem um sentido. Sim, e mais: que este se conserva, sob quaisquer condições e circunstâncias, graças à possibilidade de encontrar um sentido também no sofrimento” (FRANKL, 2015, p. 27).

Há dentro da psicoterapia frankliana o termo religiosidade que, paralelamente à espiritualidade, exprime quase a mesma dificuldade de conceituação ao compararmos com as variadas interpretações e usos ao longo da história da psicologia da religião. Na psicoterapia frankliana, a psicologia da religião foi cunhada sob a fenomenologia existencial: a busca pelo sentido último será o alvo a ser encontrado por ela, que poderá acontecer também através da religiosidade (AQUINO, 2014). Dessa forma, a religiosidade também terá um grande espaço na sua psicoterapia, pois na logoterapia, a religiosidade é uma das formas para o encontro do sentido da vida (Ibid, p. 88). Logo, nesta parte do trabalho, será apresentado o conceito de religiosidade, com o objetivo de elucidar sua compreensão dentro da logoterapia.

Para Ávila (2007), o estudo da religiosidade como fato religioso “transcendeu” a mera reflexão teológica e filosófica quando W. James e S. Freud expuseram uma forma metodológica objetivando o conceito (ÁVILA, 2007, p. 72). Segundo Valle (2008), o conceito de religiosidade é um termo pesquisado desde o início da psicologia da religião. Destarte, apresenta dois “elementos” que, substancialmente, são constituídos entre a experiência do encontro do sujeito ao “ser” último, dando-lhe “[...] uma percepção absolutamente original do ‘sagrado’. É o ‘tremendo e o fascinante’ de Rudolf Otto, que para William James encerra sempre uma característica única de ‘solidão’, mesmo quando supõe a comunidade” (MARTINS, 2008, p. 94). Por outro lado, há também a “[...] autopercepção do homem enquanto ser-no-mundo. O homem se torna religioso só quando se encontra com o outro e, por essa via, com o Outro” (Idem). Dessa forma, a religiosidade para Valle é caracterizada por um encontro, tanto com o “eu” e o sentido último, mas também com o Outro.

Além disso, Valle afirma que Vergote “[...] define a religiosidade do indivíduo psicologicamente madura como sendo uma ‘atitude’, palavra que para ele é ‘uma maneira de ser diante de alguém ou de algo, ou seja, é uma disposição favorável ou desfavorável que se expressa por meio de palavras e de comportamentos’” (MARTINS, 2008, p. 94). Desse modo, Frankl expõe que as pessoas que viveram dentro dos campos de concentração tiveram, por excelência, a experiência de presenciar atitudes humanas em situações extremas, pois elas conheceram por “essência” o que é o ser humano; “afinal, ele é aquele ser que inventou as câmaras de gás de Auschwitz; mas ele é também aquele ser que entrou naquelas câmaras de gás de cabeça erguida, tendo nos lábios o Pai-Nosso ou o *Shemá Ysrael*” (FRANKL, 2016a, p. 156). Logo, a “atitude” ou a “maneira de ser” diante de algo, para Vergote, exprime com clareza a religiosidade que o indivíduo carrega dentro de si.

Segundo Aquino, a religiosidade assume um papel no seu surgimento quando realiza não apenas a pergunta pelo sentido da vida – caracterizado pela espiritualidade –, mas sim pelas perguntas: “Quem sou eu? De onde venho e para onde vou? Por que existe o mal? O que é que existirá depois da vida?” (AQUINO, 2014, p. 75). Com efeito, para a logoterapia, é na dimensão espiritual ou noética¹⁰ que surgem as interpretações sobre a religiosidade no sujeito. Dessa forma, Frankl associa a filosofia existencialista ao conceito de religiosidade. A liberdade que o sujeito adquire diante de tais perguntas, como o grande questionamento sobre o sentido do sofrimento, faz com que o sujeito assuma decisões diante de cada situação. Por conseguinte, a problematização da origem do mal e do sofrimento não emerge da psicoterapia frankliana, mas sim, da questão da decisão que o sujeito assume diante de tais fatos, conferindo-lhes algum sentido. Desse modo, a religiosidade para Frankl se aterá ao caráter da decisão, “[...] e deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso” (FRANKL, 2016b, p.61)¹¹. Assim, segundo o autor, “a religiosidade ou é existencial ou não é nada” (Idem).

De acordo com Frankl, a dimensão noética é o lugar onde reside a religiosidade, haja vista que é na dimensão espiritual que habita a intencionalidade e a decisão da vontade, ambas caracterizadas pela consciência e a responsabilidade (AQUINO, 2013, p. 44). Desse modo, Frankl destacou que, se a logoterapia é constituída enquanto psicoterapia e, por conseguinte, aplicada clinicamente sobre a estruturação da análise existencial, é de caráter imprescindível observar que o espiritual psicológico também atua dentro do inconsciente, “[...] como um *logos* inconsciente; ao id, como inconsciente instintivo, foi acrescentado, como nova descoberta, o inconsciente espiritual (FRANKL, 2016b, p. 57). Em suma, o autor observou que, além da consciência de responsabilidade, caracterizada pela espiritualidade inconsciente, também deve haver uma responsabilidade inconsciente. Dessa forma, além da “[...] profundidade inconsciente onde são tomadas as grandes decisões existencialmente autênticas” (idem), também há o inconsciente da responsabilidade. Frankl observou que “[...] enquanto que com a descoberta da espiritualidade inconsciente surgiu o eu (espiritual) por trás do id (inconsciente), com a descoberta da religiosidade inconsciente apareceu o tu transcendente por trás do eu imanente” (FRANKL, 2016b, p. 58). Assim:

¹⁰ “Por fim, a dimensão espiritual ou noética localizada as posturas do ser humano perante sua porção psicofísica, como, por exemplo: ‘as decisões da vontade, intencionalidade, interesses práticos e artísticos, pensamento criativo, **religiosidade**, sendo ético (consciência moral) e compreensão do valor” (LUKAS, p. 44-45 in AQUINO, 2013, grifo nosso).

¹¹ “Para Jung e sua escola, no entanto, a religiosidade é algo essencialmente instintivo” (FRANKL, 2016b, p. 61).

[...] o ser humano não poderia mais constituir um ser exclusivamente racional, um ser que unicamente pudesse ser entendido a partir da 'razão teórica' ou 'prática' (FRANKL, 2016b, p. 58). Desta forma, [...] a análise existencial descobriu, dentro da espiritualidade inconsciente o ser humano, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente ao ser humano, embora muitas vezes parece latente (Idem).

Por conseguinte, Frankl postulou que o inconsciente também é espiritual, visto que, se o inconsciente se relaciona com Deus, na medida em que se entrelaça no sentido da religiosidade inconsciente, e essa relação "*intencional da fé inconsciente*"¹² passa a estar inclusa dentro do próprio inconsciente, assim, o inconsciente que se mostra espiritual seria também transcendente. Logo, "[...] significaria então que, sempre houve uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente, com Deus. E é justamente este Deus que denominamos de Deus inconsciente" (FRANKL, 2016b, p. 58). O autor ainda apresenta a conceituação de Deus que para o sujeito pode se tornar oculto quando o "eu" não reconhece essa "inclinação" ao Deus inconsciente. Apesar de que "[...] um Deus inconsciente não significa, porém, que Deus, em si mesmo e por si mesmo, seja inconsciente; ao contrário, quer dizer que, às vezes, Deus permanece inconsciente para nós, que nossa relação com ele pode ser inconsciente, ou reprimida, e assim, oculta para nós mesmos" (FRANKL, 2016b, p. 58).

A logoterapia apresenta algumas refutações básicas sobre a relação entre o "eu", a religiosidade e o "Deus" inconsciente. A primeira seria que o inconsciente jamais pode ser entendido em sentido panteístico. Dessa forma, o inconsciente não pode ser considerado divino e muito menos o id pode ser considerado "sagrado", ou que Deus habite dentro dele. Mas isso não justifica e nem impede que o inconsciente não possa ser espiritual, pois "[...] o fato de sempre termos tido uma relação inconsciente com Deus não significa absolutamente que Deus esteja 'dentro de nós', que 'habite' inconscientemente em nós, que preencha nosso inconsciente. Essas não passariam de teses de uma teologia diletante" (FRANKL, 2016b, p. 59). Outra recusa que Frankl faz se refere às interpretações errôneas de uma tese acerca de um suposto "Deus inconsciente", num sentido estritamente ocultista. Assim, "seria assumir que aquele seu paradoxo de um 'saber inconsciente' de Deus significaria estipular que o inconsciente é onisciente, ou, pelo menos, que ele sabe mais do que o eu, que o id conhece mais do que o eu" (FRANKL, 2016b, p. 59).

Frankl assume que C.G. Jung teve o mérito de ter "visto" que dentro do inconsciente há também o religioso. Mas a localização que Jung lhe atribuiu teria sido falsa, pois implica o desvio da religiosidade inconsciente para o inconsciente coletivo. Destarte, Frankl disse que "no sentido que Jung lhe atribuiu, o eu não era responsável pelo elemento religioso, esse não era da competência do eu; o religioso não pertencia à responsabilidade do eu" (Ibid, p. 60-61). Logo, contrariando fortemente a tese de Jung¹³, Frankl explica que "a religiosidade se mantém pelo seu caráter de decisão, e deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso (Ibid, p. 61)¹⁴. Dessa forma, Frankl escreve:

Uma vez que podemos definir o homem como um ser responsável, o homem é responsável pelo cumprimento de um sentido. Contudo, em vez de fazermos a pergunta do 'para que' na psicoterapia, é preciso colocar-se e deixar em aberto a pergunta do 'diante de que' de nosso ser-responsável. É preciso deixar ao paciente a decisão de como interpretar o seu ser-responsável; como ser-responsável diante da sociedade, diante da humanidade, diante da consciência ou diante não de algo, mas diante de alguém, diante do divino (FRANKL, 2015, p. 87).

Para chegar a essa conclusão, Frankl fez uma análise em sua prática clínica, onde constatou que a percepção de uma *religio* reprimida foi destacada pelos sonhos religiosos em pessoas areligiosas: "logo, a via régia para o inconsciente transcendente seriam os sonhos, imagens oníricas que desvelam um relacionamento íntimo com um Deus oculto à consciência" (AQUINO, 2014, p. 79).

¹² "Essa fé inconsciente da pessoa, que aqui se nos revela e está englobada e incluída no conceito de seu 'inconsciente transcendente' (FRANKL, 2016b, p. 58).

¹³ "De acordo com Jung, com efeito, a religiosidade inconsciente está ligada a arquétipos religiosos, a elementos do inconsciente arcaico ou coletivo. Na realidade, a religiosidade inconsciente em Jung muito pouco tem a ver com uma decisão pessoal do ser humano; representa muito mais um evento coletivo, 'típico', justamente arquetípico, 'no' ser humano" (FRANKL, 2016b, p. 61).

¹⁴ "Nós, porém, acreditamos que a religiosidade nunca poderia se originar num inconsciente coletivo, justamente porque pertence às decisões pessoais, às decisões mais pessoais e próprias do eu, decisões essas que podem, de fato, ser inconscientes, mas nem por isso precisam fazer parte da esfera dos impulsos do id" (Idem).

Para a logoterapia, não existe religiosidade “superior”, “inferior”, “melhor” ou “pior” em relação à outra, apenas “[...] uma religiosidade a partir da qual cada um de nós pode encontrar sua linguagem pessoal ao se dirigir a Deus” (FRANKL, 2016b, p. 112). Aquino afirma que “[...] a religiosidade se constitui como um fenômeno privado, posto que pertence às vivências religiosas” (AQUINO, 2014, p. 86). Dessa forma, tal fenômeno será importante e saudável à vida humana (Ibid, p. 83). Frankl, neste contexto refere-se à célebre frase de Ludwig Wittgenstein: “Whereof one cannot speak, thereof one must be silent” – sobre aquilo que não se pode falar, deve-se silenciar – não só podemos traduzir do inglês para o alemão, mas também do agnosticismo para o teísmo: do que não se pode falar, a este se deve rezar” (FRANKL, 2015, p. 90).

Frankl foi entrevistado pela revista americana *Time*, onde o questionamento feito foi “[...] se a tendência da época era o afastamento da religião” (FRANKL, 2015, p. 90). O autor disse que a grande problematização não seria o afastamento de uma religião em si, “[...] mas sim, daquelas confissões que não tinham outra coisa que fazer senão lutar entre si e atirar os fiéis uns contra os outros” (Idem). Dessa forma, o monantropismo seria algo viável e defendido por Frankl, mas ele não acreditava que a humanidade pudesse alcançar uma única confissão religiosa (AQUINO, 2014, p. 81). A busca pela religião “*personalizada*”, ou “[...] uma religiosidade a partir da qual cada indivíduo encontrará o seu próprio idioma, pessoal e original, ao se dirigir a Deus” (Ibid, p. 90), e até mesmo uma linguagem pessoal (AQUINO, 2014) para um “novo” *religare*, seria a resposta para tal questionamento¹⁵.

Frankl elucida que, a religiosidade é “[...] a expressão mais autêntica do ser profundo, que busca um sentido para sua existência no mundo” (AQUINO, 2013, p. 107). Desta forma, a fé não é identificada estritamente com uma crença em Deus, mas uma crença também no “suprassentido”, onde habita a vontade do sentido último da existência (AQUINO, 2013, p. 106). Por conseguinte, a religiosidade, na logoterapia, seria uma via para encontrar o sentido (AQUINO, 2014), e é caracterizada por Frankl “[...] como um fenômeno autenticamente humano, proveniente da dimensão noológica, não sendo passível de redução e interpretações caricaturais, ou seja, aquelas que apelam para uma explicação do fenômeno religioso como um mero epifenômeno” (Ibid, p. 87). “Gostaria somente de completar com uma declaração semelhante proferida por Paul Tillich, que nos oferece a seguinte definição: ‘Ser religioso significa colocar-se apaixonadamente a pergunta do sentido de nossa existência’ (FRANKL, 2015, p. 89)¹⁶.

4. ENTRE A RELIGIÃO E A LOGOTERAPIA

Delimitar a originalidade da religião sob uma estrutura que “[...] responde a um desejo comum da humanidade” (ÁVILA, 2007, p. 13), pode ir ao encontro de olhares que a interpretam exclusivamente como “[...] um produto histórico, fruto da cultura, da economia e etc.” (Idem). Sendo assim, Ávila (2007) afirma que há dentro do estudo da religião várias perspectivas quando são tratadas as variadas formas de conceituação de religião. O autor ainda completa que existem vários pesquisadores que preferem diferenciar o fato religioso dos fatos humanos, e outros não. É interessante notar que há autores que afirmam que “[...] a religião distingue-se por sua função específica na vida do homem, que consiste em como as pessoas enfrentam os problemas últimos da vida” (ÁVILA, 2007, p. 13). Para Paiva (2008), na Escola de Nimega, definia-se “[...] o objeto da psicologia da religião como ‘aquela parte do comportamento humano que diz respeito à busca de um sentido último, seja ele religioso ou secular’ (VAN DER LANS, 1986, p. 79; PAIVA, 1990, p. 92 *apud* MARTINS, 2008, p. 32). No mesmo raciocínio, para Pargament, a religião é “uma busca de sentido em relação ao sagrado” (ÁVILA, 2007, p. 15)¹⁷. O que distingue essa busca – que é humanamente caracterizada –, é a referência a Deus ou ao sagrado. Portanto, “essa é a substância da religião, o que a distingue de outros fenômenos humanos” (FRANKL, 2015, p. 85). Juan Martín Velasco, define a religião como “[...] um fato humano complexo e específico: um

¹⁵ “De uma forma ou de outra, em sua diversidade, as religiões se parecem com os diferentes idiomas: ninguém pode dizer que o seu idioma é superior ao dos demais – em todos os idiomas o homem pode aproximar-se da verdade, da única verdade, e em todos os idiomas pode ele enganar-se e até mentir. E, assim, pode também encontrar, por meio de qualquer religião, a Deus – o único Deus” (FRANKL, 2015, p. 90).

¹⁶ “Diante da pergunta se tudo teria um sentido, mesmo encoberto, ou se o mundo seria desprovido de sentido, o conhecimento não nos dará a resposta, mas é a fé que deve decidi-lo. Quando há equilíbrio entre os argumentos pró ou contra o sentido último, a pessoa que crê num sentido empenha todo o peso de seu ser humano, de sua existência, a favor do sentido, e diz o seu *fiat* ou ‘amém’. ‘Assim seja, decido agir ‘como se’ a vida tivesse um sentido infinito, além de nossa capacidade finita de compreensão, enfim, um ‘suprassentido’. ‘A fé não é uma maneira de pensar da qual se subtrai a realidade, mas uma maneira de pensar à qual se acrescentou a existencialidade do pensador” (FRANKL, 2016b, p. 116).

¹⁷ “[...] Pois religião ‘é uma busca de significância por vias relacionados com o sagrado’ (PARGAMENT, 1999, p. 12)” (MARTINS, 2008, p. 36).

conjunto de sistemas de crenças, de práticas, de símbolos, de estruturas sociais por meio das quais o homem, nas diferentes épocas e culturas, vive sua relação com um mundo específico: o mundo do sagrado” (VELASCO, 1982, p. 75-76 *apud* ÁVILLA, 2007, p. 14). Destarte, Velasco ainda interpreta que existe uma complexidade para entender “[...] uma realidade superior, invisível, transcendente, misteriosa, da qual se faz depender o sentido último da vida” (Idem). Assim, conforme alguns dos autores citados acima, uma das funções da religião seria o encontro com o sentido último dentro de um mundo transcendente e sagrado para o sujeito¹⁸.

Em outra perspectiva, Max Weber afirma que a religião é “[...] algo apenas funcional, um construto sociológico que se insere em uma busca socialmente realizada de sentido e de pertença” (MARTINS, 2008, p. 95). Para Antoine Vergote, a religião “[...] é um conjunto orientado e estruturado de sentimentos e pensamentos, por meio dos quais o homem e a sociedade tomam consciência vital de seu ser íntimo e último e, simultaneamente, nela se torna presente o poder divino” (Idem). Dessa forma, podemos com clareza analisar diferentes visões sobre o mesmo fato. Entretanto, quando Frankl cita a importância da religião em seus livros, é interessante notar que ele nunca esteve preocupado em conceber uma nova definição de religião e muito menos descrevê-la sistematicamente. Ele apenas afirmava que “a religião é um fenômeno do homem, do paciente, um fenômeno entre outros fenômenos que encontra a logoterapia” (FRANKL, 2015, p. 85).

A posição que a logoterapia assume diante do crente é estritamente neutra, pois a psicoterapia frankliana não se caracteriza como uma posição dentro de uma crença religiosa, mas sim, como uma orientação psicoterapêutica, e assim, analisa a religião apenas como um objeto. Frankl afirma que “[...] para a logoterapia, tanto a existência religiosa como irreligiosa são, em princípio, fenômenos coexistentes. Em outras palavras, a logoterapia deve assumir perante eles uma atitude neutra” (FRANKL, 2015, p. 85). O autor enfatiza essa posição da logoterapia, pois ao delimitar a posição da logoterapia em relação à teologia, Frankl afirma que “o objetivo da psicoterapia é a cura psíquica – o objetivo da religião, contudo, é a salvação da alma” (Idem).

Para Frankl, “a dimensão na qual se insere o homem religioso é mais elevada, quero dizer, mais abrangente do que a dimensão na qual se move a psicoterapia. Porém, esse avanço numa dimensão elevada não se dá no conhecimento, mas na fé” (FRANKL, 2015, p. 86). A fé, segundo o autor, “[...] é incondicional ou não é nada” (FRANKL, 2013, p. 34), pois, a fé fraca se assemelha a um pequeno fogo, que com os ventos e a tempestade é apagado rapidamente; enquanto que no sujeito que possui uma fé forte, o fogo não será pequeno, mas sim, grande, pois com a fé fortalecida os ventos atizarão ainda mais o fogo e farão com que ele aumente ainda mais (AQUINO, 2013, p. 34).

A relação de Frankl com a religião é muito estreita. Podemos notar em seus escritos que nunca foi um problema para Frankl abordar a religião na logoterapia. De modo geral, podemos dizer que foi mais um fenômeno humano com que Frankl decidiu trabalhar na psicoterapia. O judaísmo vivido por Frankl “[...] era mais cultural, pois sua vivência ia além do que professava uma religião específica” (AQUINO, 2014, p. 25). Por conseguinte, o Deus que Frankl cita em suas obras é, certamente, o da tradição judaica.

Para Aquino (2014), a psicoterapia pode despertar no sujeito uma religiosidade reprimida, mas a religião pode proporcionar ao paciente um bem-estar psicológico (AQUINO, 2014, p. 11). Dessa forma, Frankl fixará sua abordagem existencialista em todos os fenômenos, inclusive quando trata da religião. Portanto, ele conclui que “quando há equilíbrio entre os argumentos pró ou contra o sentido último, a pessoa que crê num sentido empenha todo o peso de seu ser humano, de sua existência, a favor do sentido, e diz o seu *fiat* ou ‘amém’” (FRANKL, 2016b, p. 116). Logo, em relação à religião, Frankl comenta que “[...] a religião poderia muito bem ser definida como um sistema de símbolos; seriam símbolos para algo que não pode mais ser apreendido mediante conceitos e depois ser expresso em palavras” (FRANKL, 2016b, p. 110).

Frankl apresenta uma concepção de religião em um sentido muito mais amplo do que as “convencionais”, às quais faz uma crítica chamando-as de “miopia religiosa”. A miopia religiosa é quando “[...] veem em Deus um Ser cujo único objetivo é conseguir que o maior número possível de pessoas acredite nele, exatamente dentro das prescrições de determinada seita. ‘Basta acreditar’, dizem elas, ‘e tudo dará certo’” (FRANKL, 2016b, p. 112). Frankl acreditava que a religião era muito mais do que pessoas convertendo umas às outras para alcançar um número maior de fiéis. No prefácio da edição brasileira do livro *A presença ignorada de Deus*, Izar Xausa expõe que Frankl discordou veementemente de Freud, pois Freud considerou “[...] a religião como a sublimação dos impulsos sexuais, denominando-a de ‘*neurose obsessiva da humanidade*’” (Ibidem, p. 7). Para Frankl, a religião tem o seu devido espaço – muito importante – dentro da logoterapia, pois é destacada como um fenômeno humano. Tanto os pensamentos do ateísmo e dos gnósticos são extremamente importantes

¹⁸ “O encontro com a realidade última aparece como resposta à necessidade de sentido para sua vida. É, portanto, fonte de estruturação e direcionamento concreto” (ÁVILLA, 2007, p. 16).

quando o sujeito encontra o sentido último, pois na logoterapia há “[...] neutralidade do psicoterapeuta frente às questões religiosas” (Idem). Mas, a religião, na logoterapia, é muito bem aceita, só que Frankl delimita seu papel dentro da psicoterapia, pois ela – a logoterapia – não atende a nenhuma confissão religiosa.

Para concluir tal compreensão, na sua psicoterapia, Frankl cita a frase de Albert Einstein: “Ser religioso é ter encontrado uma resposta para a pergunta ‘qual o sentido da vida?’” (Ibidem, p. 115). Cita também a frase de Ludwig Wittgenstein: “Crer em Deus significa ver que a vida tem um sentido” (Idem). Pois, segundo Frankl, “[...] poderão resultar efeitos profiláticos ou psicoterapêuticos quando a pessoa experimenta alívio psicológico ao considerar sua transcendência, ao encontrar o *sentido último* da vida em Deus ou ao sentir-se ancorada no absoluto” (Idem, p. 7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desses apontamentos, podemos afirmar que há inúmeros conceitos sobre espiritualidade, religiosidade e religião, principalmente quando as descrições são feitas por autores da psicologia da religião. Um fato que podemos destacar na pesquisa é o de que a conceituação de espiritualidade na psicoterapia frankliana é vista como um belíssimo encontro entre o indivíduo e o próprio sentido último de sua existência. Dessa forma, a espiritualidade é mais uma via para que o sujeito descubra que a vida possui um sentido, e o seu “Eu” pode identificar que, mesmo estando em profundo sofrimento, Frankl provou que é possível encontrar um sentido diante das adversidades da vida. A aplicação da logoterapia pode despertar e proporcionar esse belíssimo encontro que visa à transcendência entre o “eu” e o sentido. Apesar do trabalho ter se baseado em uma pesquisa bibliográfica, Frankl provou com o testemunho da própria vida que é possível, em qualquer situação, encontrar o sentido, independente da religião professada pelo sujeito.

O autor, então, constata que há sempre uma linguagem diferente, pessoal e individual através da qual podemos nos dirigir a Deus (FRANKL, 2016b, p. 112). Frankl adotou uma da definição de religião no contexto da logoterapia como uma das indutoras de todo processo entre o sujeito e o sentido, como também de espiritualidade, que pode estar ou não vinculada a uma crença religiosa, mas sempre a uma crença no sentido. Assim, Frankl não esteve preocupado em saber o porquê do sofrimento e sua origem (tema que a maioria das religiões trabalham com maestria), mas sim do sentido da existência. Dessa forma, podemos concluir que, ao tratar cada conceito ao longo de sua vasta obra, a relação entre espiritualidade, religiosidade e religião na logoterapia responde de maneira singular uma das perguntas mais intrigantes que o ser humano pode fazer a si mesmo: Qual é o sentido da vida?

REFERÊNCIAS

AQUINO, Thiago A. Avellar de. **LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Editora Paulus, 2013. 128 p.

_____. **A PRESENÇA NÃO IGNORADA DE DEUS NA OBRA DE VIKTOR FRANKL**: Articulações entre logoterapia e religião. São Paulo: Editora Paulus, 2014. 95 p.

ÁVILA, Antonio. **PARA CONHECER A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO**. Tradução de Maria José Tosado Nunes e Thiago Gambi. São Paulo: Editora Edições Loyola, 2007. 245 p.

FRANKL, Viktor E. **EM BUSCA DE SENTIDO**: Um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 39. ed. Petrópolis: Editora Sinodal, 2016a. 184 p.

_____. **A PRESENÇA IGNORADA DE DEUS**. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 17. ed. São Paulo: Editora: Sinodal, 2016b. 131 p.

_____. **O SOFRIMENTO DE UMA VIDA SEM SENTIDO**: caminhos para encontrar a razão de viver. Tradução de Karleno Bocarro. São Paulo: Editora: É Realizações, 2015. 125 p.

MARTINS, Mauro (Org.). **PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE**. 2. ed. São Paulo: Editora: Paulus, 2008. 239 p.